

UM INSTRUMENTO POLÍTICO FINANCEIRO: A CIDADE PÓS INDUSTRIAL EM POBLENOU, BARCELONA

SARA CORREIA¹, HÉLDER CASAL RIBEIRO²

¹Student of Faculty of Architecture, University of Porto

² Assistent Professor FAUP; Researcher CEAU – FAUP Group Atlas da Casa – identidade e transferência

Segundo Josep Maria Montaner, “A arquitetura tem uma estreita relação com a vida humana; portanto tem muito a ver com o poder político e económico, com a vontade coletiva pelo social e comum, com o público e a permanência no futuro. (...)”

As questões pessoais são sempre políticas, e, portanto, a criação de espaços para as relações entre as pessoas tem, necessariamente, relação com a política.

São as circunstâncias e ocasiões que determinam o destino e transformações das e nas cidades. Na verdade, a cidade Barcelona conhece as suas maiores intervenções urbanísticas na contemporaneidade - após a libertação de várias décadas de opressão franquista - tendo estas como objetivo o restaurar da dignidade, autoestima e liberdade através de uma nova urbanidade que refletia o novo futuro da sua cultura e sociedade. Nesta perspetiva de mudança, a capital de Catalunha vê a sua oportunidade para se reerguer não só democraticamente, mas também como cidade europeia afirmando a sua identidade diante do mundo à margem do domínio espanhol.

Neste sentido, e a par de outras grandes cidades da Europa que, à época, se tentavam reerguer num pós-guerra doloroso, como o caso de Berlim, Barcelona reinventa-se através de várias estratégias de redesenho da cidade que além da sua intenção social, vinham dar notícia desta nova imagem de cidade moderna e internacional pronta a receber novos desafios, investimentos e iniciativas para uma sociedade do novo mundo. É assim, através de grandes circunstâncias como o caso dos Jogos de 1992 (já mencionados anteriormente) que Barcelona dá o pontapé de partida para a construção desta nova imagem, onde os grandes eventos, as novas iniciativas urbanísticas, o património e a cultura dão origem a uma marca transformando a cidade numa máquina de crescimento, onde o turismo funcionaria como motor gerador - não só de oportunidades, mas como mediador económico-financeiro.

Estas políticas urbanas nascem num período profundamente democrático e que numa primeira parte, menos ousada, entregam à mão dos arquitetos catalães, a realidade da sua cidade para a revitalização necessária numa iniciativa dos jogos que iriam receber. As intervenções feitas à época são pensadas como projetos em pontos estratégicos, que independentemente da escala a que são executados, formulam na cidade grandes diferenças na perspectiva do utilizador: a acupuntura urbana de Solà-Morales parece servir de método de intervenção. No entanto, esta iniciativa que parecia ter uma base social foi, ao longo do processo, cedendo a interesses políticos e à especulação imobiliária gerando neste desenho sócio-espacial um nítido processo de gentrificação das zonas intervencionadas.

Com o sucesso das Olimpíadas e o reconhecimento que estas trouxeram à cidade, torna-se claro que o conceito de “cidade sede” trabalha como motor primordial para o desenvolvimento urbanístico da cidade e essencialmente pretexto para a requalificação das suas zonas mais desfavorecidas ou áreas fisicamente degradadas que poderiam funcionar como pontos estratégicos para o desenvolvimento da cidade. Poblenou representa ao longo deste

processo de requalificação uma das áreas de excelência para aquelas que seriam as intervenções urbanísticas. Gravemente afetado pelo processo de desindustrialização, assim como pela consequente desativação de grande parte da zona portuária de Barcelona, o bairro vê-se transformado numa zona de degradação e abandono, desvalorizando-se uma das zonas com mais potencial na cidade - a antiga Manchester catalã, agora isolada. Neste sentido, aquando do desenho das novas infraestruturas que receberiam o evento internacional, destacam-se as construções da frente marítima e da vila olímpica, que mesmo fora do contexto do evento trariam novas atividades e movimento, abrindo mais o bairro à cidade. No entanto, este continuava a manifestar várias carências, não só ao nível das infraestruturas, mas também pela falta de oportunidades ali geradas.

É então que, no final do século passado, e ainda neste contexto de regeneração urbana promovida pelo Ajuntament da cidade - e com o novo pretexto do Fórum das Culturas 2004 - , é apresentado o já mencionado projeto 22@ Barcelona - uma utopia da cidade compacta onde o antigo sector de tradição produtiva daria lugar a uma cidade de âmbito internacional - plataforma para a cultura, economia e inovação: uma cidade genérica, uma cidade pós-industrial, onde a produção dá lugar ao consumo. A população local é substituída pelas novas classes médias altas. O património industrial e a memória local já não têm lugar neste novo “parque temático” estabelecido sobre os cânones internacionais onde a arquitetura do starsystem funciona como meio de afirmação geradora de competitividade urbana/especulativa, numa clara campanha para a atração de investimentos privados e, numa perspetiva de visitante, um verdadeiro oásis turístico com fé absoluta na imagem do objeto arquitetónico.²⁴

No âmbito destas intervenções poder-se-iam destacar vários projetos de mostroário mundial como a Torre Agbar e o Parque de Poblenou de Jean Nouvel, os edifícios Diagonal 123 e o Hotel ME de Dominique Perrault, o edifício de escritórios Diagonal 197 de David Chipperfield, a Imagina Tower de Carlos Ferrater, e obviamente, o célebre Fórum de Herzog & Meuron: os novos ícones da arquitetura que colocam o skyline da Barcelona contemporânea nos mapas e novos guias arquitetónicos.

A verdade é que estas intervenções no território trouxeram uma nova visão de espaço público à cidade. Há uma mudança no paradigma urbanístico. Numa cidade onde tradicionalmente as inconfundíveis torres da La Sagrada Família se erguem nos céus como ícones da história de Barcelona - orientadoras quer dos seus habitantes quer dos turistas vagabundos -, surge nesta época uma nova exceção com a qual a obra de Gaudí terá de partilhar o protagonismo. Projetada por Jean Nouvel a propósito desta empreitada urbanística, este novo edifício vem seduzir investidores através de uma ação política de gesto sensacionalista que busca a sintonia com aquele que é o mercado capitalista internacional numa sociedade do espetáculo globalizado. No entanto, esta e outros projetos que viriam dar notícia destas intenções, são implantados num gesto que pouco tem em conta o lugar, a envolvente e a história local surgindo quase como objetos estranhos na paisagem.

Apregoados como projetos revitalizadores do território e geradores de uma nova identidade para a cidade contemporânea, estas novas intervenções feitas no começo do virar do novo século refletem o paradigma do culto do objeto abordado por Colin Rowe em Collage City, onde a cidade vive a partir da imagem/ forma do objeto arquitetónico que por si só

apresenta-se como elemento singular/ isolado na cidade. Segundo William Curtis sobre este problema em particular em Poblenou, estas intervenções na paisagem na cidade pós-industrial resultam apenas numa vulgarização de um horizonte já desrespeitado e potenciado numa quase pornografia urbana onde as formas sedutoras e o culto da imagem potenciada expoente máximo regem a escolha das intervenções a realizar.

Neste sentido, “isco” ao turismo e a objectificação da cidade foi de certa forma uma das grandes apostas de Barcelona para a divulgação e o desenvolvimento cultural e económico fazendo destes fatores determinantes para a sua evolução e movimentação enquanto cidade. Numa perspectiva de cidade organizadora de eventos chave, o urbanismo é instrumento para a organização e desenvolvimento de zonas estratégicas que não só funcionam como receção a estas iniciativas, mas também como pontos de recuperação e potencialização que de outra forma dificilmente seriam alvo de tão grandes intervenções.

No entanto, esta forma de construção e dinamização da cidade, traz consigo vários problemas, estes essencialmente de carácter social e patrimonial. No que respeita a Poblenou, hoje o bairro é marcado por dois andamentos completamente distintos: por um lado, a faceta completamente genérica e global promovida pelo 22@, os grandes edifícios empresariais, os museus, os novos equipamentos culturais, o centro comercial, o Les Encants, e os jardins e novos espaços públicos que servem estes grandes espaços e toda uma realidade cosmopolita. Os grandes empreendimentos habitacionais com vista privilegiada para a frente marítima da cidade - especialmente habitada por novas camadas populacionais de classe média alta. Por outro lado, emerge o lado habitacional cujo passado reside ali onde as famílias sempre viveram, as manzanas do ensanche, os pequenos comércio locais que vão conseguindo sobreviver à especulação das grandes lojas e marcar, as ruínas e fábricas testemunhas de uma outra era industrial agora ocupadas por pequenas empresas, ateliers locais e coletivos de artistas que vêm nestes vestígios de património um investimento e um meio de conservação de uma memória coletiva que os barceloneses continuam a fazer questão de não apagar.

É nesta dualidade urbana que Poblenou reside nos dias de hoje, e que em análise, se entende fruto dos vários acontecimentos, eventos e políticas que foram marcando a história da cidade. Neste sentido, esta investigação centra-se no estudo da evolução urbanística deste bairro barcelonês e como esta foi ditada pelas circunstâncias político-financeiras da capital da Catalunha. Através do impacto que estes eventos adquiriram na reformulação do território, a investigação pretende compreender os efeitos destes numa cidade contemporânea onde a memória industrial é colocada lado a lado com uma cidade genérica pensada para uma era tecnológica e contemporânea.

É dentro desta temática que se desenvolve a investigação, que neste contexto se considera de grande pertinência colocando sobre a mesa o problema sobre o desenvolvimento e criação de novas urbanidades na cidade contemporânea e como esta se relaciona com a pré-existência, refletindo diretamente a evolução e desenvolvimento social, político e económico. O urbanismo como instrumento para o desenvolvimento humano.